

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP  
INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS SÃO PAULO

MARCIA LANCIONI VANIQUE

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PERSPECTIVA PARA UMA  
EDUCAÇÃO POPULAR**

SÃO PAULO  
2023

MARCIA LANCIONI VANIQUE

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PERSPECTIVA PARA UMA  
EDUCAÇÃO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Música.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréia Miranda de Moraes Nascimento

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do  
Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

---

V258e Vanique, Marcia Lancioni, 1998-

Extensão universitária como perspectiva para uma educação popular / Marcia  
Lancioni Vanique. -- São Paulo, 2023.  
25 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Miranda de Moraes Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Extensão universitária. 2. Ensino superior. 3. Educação popular. 4. Evolução  
social. 5. Ação social. I. Nascimento, Andréia Miranda de Moraes. II. Universidade  
Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 378.103

---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARCIA LANCIONI VANIQUE

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PERSPECTIVA PARA UMA  
EDUCAÇÃO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Artes, Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp,  
como parte dos requisitos para a obtenção do  
título de Licenciada em Música.

Trabalho aprovado em 24/10/2023

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréia Miranda de Moraes Nascimento - Orientadora  
Instituto de Artes - Unesp

---

Prof. Dr. Maurício Funcia de Bonis  
Instituto de Artes - Unesp

## RESUMO

A presente monografia aborda a possibilidade da extensão universitária como uma ferramenta na promoção da Educação Popular. A Educação Popular é uma abordagem pedagógica que busca a participação ativa da comunidade no processo educativo, visando à conscientização e transformação social. Esta pesquisa investiga como as práticas de extensão universitária podem ser alinhadas com os princípios da Educação Popular, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A extensão universitária surge como uma ponte entre a academia e a comunidade, proporcionando oportunidades para que estudantes, professores e pesquisadores compartilhem conhecimentos, habilidades e recursos com grupos marginalizados e comunidades desfavorecidas. Entretanto, ela não apenas enriquece a formação acadêmica dos estudantes, mas também fortalece as comunidades, promovendo a participação cidadã, a conscientização crítica e a busca por soluções colaborativas para os problemas sociais.

**Palavras-chave:** educação popular; extensão universitária; educação democrática.

## **ABSTRACT**

This monograph explores the possibility of university extension as a tool for promoting Popular Education. Popular Education is a pedagogical approach that seeks active community participation in the educational process, aiming at awareness and social transformation. This research investigates how university extension practices can align with the principles of Popular Education, contributing to the construction of a fairer and more inclusive society. University extension serves as a bridge between academia and the community, providing opportunities for students, professors, and researchers to share knowledge, skills, and resources with marginalized groups and disadvantaged communities. However, it not only enriches students' academic education but also strengthens communities, promoting civic participation, critical awareness, and the pursuit of collaborative solutions to social problems.

**Key words:** popular education; university extension; democratic education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO POPULAR.....</b>	<b>7</b>
	2.1 O que é ser popular?.....	8
	2.2 O que é educação segundo Paulo Freire e bell hooks?.....	9
	2.3 O que é Educação Popular?.....	11
	2.4 Educação Democrática.....	12
<b>3</b>	<b>EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....</b>	<b>15</b>
	3.1 Raízes históricas da extensão no Brasil.....	15
	3.2 O que é Extensão Universitária?.....	16
	3.3 Tripé da universidade - Ensino, Pesquisa e Extensão.....	17
	3.4 Extensão universitária: Para quê?.....	18
<b>4</b>	<b>EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PERSPECTIVA PARA UMA EDUCAÇÃO POPULAR.....</b>	<b>20</b>
	4.1 A relação da extensão com a educação na universidade.....	20
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A universidade ainda hoje é de difícil acesso para uma parcela específica da população (ALTOS, 2019; EDUCAÇÃO, 2021; NITAHARA, 2019), e para aqueles que conseguem ter acesso a ela, ainda existem problemas relacionados à permanência estudantil que afetam muitos dos discentes. Para pensar a democratização do saber temos que entender de que forma ele se dá, se é factível apenas com atividades extracurriculares e se é necessária uma mudança interna nas instituições de ensino superior.

Já a extensão, juntamente da pesquisa e do ensino, formam os pilares essenciais e indissociáveis da universidade. Discutir como a extensão influencia no acesso, na permanência estudantil e na democratização do saber dentro da universidade pode ser uma forma interessante de encarar esta questão. Gadotti (2017) escreveu que a extensão “tem caminhado junto de conquistas de outros direitos e de defesa da democracia”.

Entretanto devemos considerar alguns fatores quando falamos sobre extensão como, por exemplo, ter cuidado para não deixar com que a extensão tenha um caráter assistencial e mercantil.

Pode ser interessante para comunidade interna das universidades manter uma conexão com a sociedade e não se manter alheia a ela. Assim, uma forma de manter esta conexão talvez seja implementar uma educação que esteja a serviço dos movimentos sociais populares e assim realçar a relevância social do ensino e da pesquisa.

Para isso vamos analisar a relação da atividade extensionista com a democratização do saber. Este trabalho pretende estudar a possibilidade de atingirmos uma educação popular através das ações extensionistas promovidas pela universidade pública.

Ao se constituir como um problema, o acesso e permanência para a universidade, a educação popular se apresenta como uma possibilidade de caminho a percorrer. Para isso, podemos considerar se é possível utilizar das ações extensionistas para alcançar uma educação popular.

Este estudo utilizou de uma extensa pesquisa bibliográfica e para realizar a análise proposta por este trabalho, este estudo está organizado em três seções.

A primeira seção tem como objetivo discutir as noções de educação popular com base, principalmente, nos trabalhos de Paulo Freire e bell hooks.

O objetivo da segunda seção é entender a história e contexto da extensão universitária no Brasil e sua função dentro do tripé de ensino, pesquisa e extensão.

E por fim, o objetivo da terceira seção é identificar se há ou se existe a possibilidade de haver uma relação entre a extensão universitária e a educação popular.

## 2 EDUCAÇÃO POPULAR

A educação popular, conceito que pode ser encontrado também como “educação para o povo” ou “educação democrática”, é uma forma de pensar a educação que centraliza o povo, as classes populares, os oprimidos, os proibidos (FREIRE, 2021, p. 207). A educação popular na universidade pública é uma abordagem que visa não apenas democratizar o acesso ao ensino superior, mas também fortalecer os laços entre as instituições acadêmicas e a comunidade, alavancando benefícios significativos para ambas as partes.

Quando eu digo “Educação Popular”, refiro-me à educação para um certo tipo de classe social. A Educação Popular está relacionada, em um primeiro momento, com a educação das classes populares. Portanto, tem a ver com uma educação que poderíamos dizer, em uma linguagem mais religiosa, “educação dos pobres”. Eu não gosto desta expressão, mas tem a ver exatamente com a educação dos oprimidos, a educação dos enganados, a educação dos proibidos (FREIRE, 2021, p. 207).

O conceito tem como principal objetivo a conscientização e a participação ativa dos indivíduos em seu próprio processo educativo. É uma abordagem que valoriza a troca de conhecimento e a construção coletiva do saber, indo além das fronteiras tradicionais da sala de aula.

Entretanto sua implementação enfrenta uma série de desafios complexos que podem dificultar seu pleno desenvolvimento. Estes desafios estão frequentemente ligados a questões estruturais, políticas, culturais e econômicas, que precisam ser enfrentadas para garantir a implementação dessa abordagem educacional.

Um dos desafios é a resistência cultural e institucional à mudança. Muitas universidades públicas têm estruturas e tradições educacionais estabelecidas há décadas, e a introdução da educação popular pode ser vista como uma ameaça a essas tradições. Professores, administradores e até mesmo estudantes podem resistir a novas abordagens que exigem uma redefinição das práticas de ensino e aprendizagem.

Já um dos principais pontos enfatizados por Paulo Freire (2021) da educação popular na universidade pública é a democratização do acesso ao ensino superior. No Brasil, historicamente, o acesso às instituições de ensino superior tem sido limitado por barreiras socioeconômicas, o que resulta em desigualdades educacionais significativas. A educação popular busca eliminar essas barreiras, oferecendo oportunidades educacionais inclusivas para grupos historicamente marginalizados.

A educação popular tende a aparecer, primeiro, como alguma modalidade agenciada e profissional de extensão dos serviços da escola a diferentes categorias de sujeitos dos setores populares da sociedade, ou a grupos sociais de outras etnias, existentes nela ou à sua margem. Ou então educação popular denomina, depois, os tempos e tipos de luta de políticos e intelectuais para que uma tal educação escolar seja de algum modo estendida ao povo (BRANDÃO, 2006, p. 17).

Além de promover a igualdade de acesso, a educação popular na universidade pública estimula o engajamento cívico e social dos estudantes. Ao integrar os saberes acadêmicos com as demandas e desafios da comunidade, os alunos têm a oportunidade de

aplicar seus conhecimentos em situações do mundo real. Isso não apenas enriquece sua formação, mas também os incentiva a se tornarem agentes de transformação social, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade questionadora.

A educação popular valoriza a diversidade de saberes, culturas e experiências. Nas universidades públicas, isso se traduz em um ambiente acadêmico enriquecido pela pluralidade de perspectivas. Estudantes, professores e comunidades locais trazem consigo diferentes referências, contextos e histórias que enriquecem o processo educativo. Isso não só promove a valorização das culturas locais, mas também fomenta a produção de conhecimento intercultural, que é fundamental para a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

A adoção da educação popular nas universidades públicas fortalece a responsabilidade social das instituições de ensino superior. Elas se tornam parceiras ativas no desenvolvimento das comunidades em que estão inseridas, colaborando para a melhoria das condições de vida.

Neste capítulo, exploraremos em maior profundidade alguns aspectos da educação popular e sua aplicação dentro da universidade pública no Brasil.

## **2.1 O que é ser popular?**

Antes de definir o que é educação popular vamos pensar um pouco sobre essa palavra “popular” e o que ela acrescenta ao conceito de educação. “O adjetivo ‘popular’ refere-se ao povo e não à elite. Povo, no sentido mais amplo, não tem nada a ver com as classes dominantes” (FREIRE, 2021, p. 207).

Paulo Freire trouxe à tona uma visão inovadora da educação e da sociedade, centrada na ideia de "ser popular". Em sua abordagem pedagógica, Freire destacou a importância da conscientização, da participação ativa e do diálogo como elementos fundamentais para a formação de cidadãos críticos e engajados. Nesse contexto, ser popular vai muito além de uma mera etiqueta social; é uma postura intelectual e social que envolve compreender, questionar e agir em prol da transformação da realidade.

O qualificativo “popular” não é fácil de ser claramente compreendido, seja porque o termo é polissêmico e sua aplicação a uma instituição que apresenta várias dimensões é muito complexa, seja por causa de sua estrutura e funcionamento, como é o caso da universidade. Será preciso verificar como esse qualificativo se objetiva nas concepções e nos procedimentos de cada uma das mencionadas dimensões (ROMÃO; LOSS, 2013, p. 98).

Para Paulo Freire, a conscientização é o ponto de partida para ser popular. Ele argumentava que as pessoas precisam desenvolver uma compreensão crítica de sua própria realidade, incluindo as estruturas de poder e as relações de dominação que a moldam. A conscientização envolve a análise crítica das circunstâncias sociais, econômicas e políticas que afetam as vidas das pessoas, permitindo que elas se tornem agentes ativos em sua própria história. Ser popular implica, portanto, a capacidade de enxergar além das aparências e das narrativas impostas, buscando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais.

Ser popular também está intrinsecamente ligado à participação ativa na construção do conhecimento. Para Freire, a educação não é um processo unilateral em que o conhecimento é transmitido de forma passiva de um educador para o educando. Pelo contrário, a educação deve ser um ato de diálogo e troca mútua, no qual as experiências e perspectivas de todos os envolvidos são valorizadas. Isso implica em uma visão de educação como uma construção coletiva, na qual os indivíduos são incentivados a questionar, debater e contribuir para a criação do conhecimento. Ser popular, nesse contexto, significa ser um participante ativo desse processo, em vez de um mero receptor passivo de informações.

Esse diálogo permite que as pessoas compartilhem suas perspectivas, identifiquem áreas de concordância e discordância, e busquem soluções colaborativas para os desafios que enfrentam. Ser popular implica a disposição de se envolver em diálogos significativos e construtivos, mesmo com aqueles que têm opiniões diferentes, a fim de promover a compreensão mútua e a mudança social.

Ao desenvolver a conscientização, promover a participação ativa e estimular o diálogo, as pessoas se tornam agentes de mudança que podem desafiar as estruturas de poder injustas e buscar a equidade.

Ser popular é abraçar uma abordagem crítica e participativa para a educação e a vida social. É reconhecer a importância da conscientização, da participação ativa e do diálogo como meios de capacitar as pessoas a compreenderem e transformarem sua realidade. Ser popular não é apenas uma condição, mas um compromisso com a construção de um mundo mais justo, onde o conhecimento e o poder são acessíveis a todos. É um desafio constante e uma jornada em direção a uma sociedade mais igualitária e democrática.

## **2.2 O que é educação segundo Paulo Freire e bell hooks?**

A educação é uma força transformadora que desempenha um papel crucial na formação de indivíduos e na construção de sociedades mais justas.

A educação é um ato no qual se desenvolve um processo de conhecer. Não existe educação sem conhecimento e este conhecimento acontece através do ato de ensinar do educador e do ato de aprender do educando. Mas o educando só aprende quando apreende o objeto e não quando recebe de memória ou guarda mecanicamente a descrição do objeto (FREIRE, 2021, p. 205).

Paulo Freire é conhecido por sua abordagem revolucionária da educação, que ele descreveu como "uma prática da liberdade". Para Freire, a educação não é simplesmente a transmissão de conhecimento, mas um ato de diálogo e conscientização. Sua pedagogia, é profundamente centrada na ideia de que a educação é um meio pelo qual as pessoas podem se libertar das correntes da opressão.

Em sua visão, a educação deve começar com a conscientização crítica das circunstâncias sociais e políticas que afetam as vidas das pessoas. Esse processo de conscientização, ou "conscientização", como Freire chamava, permite que os indivíduos entendam as estruturas de poder que os oprimem e se tornem agentes ativos de sua própria

libertação. A educação não é neutra; ela é uma ferramenta poderosa para a transformação social, capacitando as pessoas a desafiar e mudar as estruturas da realidade material.

A educação implica determinados objetivos, determinadas finalidades que eu costumo chamar de nossos sonhos, que pressupõem agentes ou sujeitos que atuam. Implica certo conteúdo, certo objeto que, pelo lado do professor, deve ser ensinado, e, pelo lado do aluno, deve ser aprendido. Portanto, sonhos que vão além da própria educação, além da prática educativa. Sonhos de sujeitos que exercem a prática educativa entre sujeitos e objetos cognoscíveis que são os conteúdos da educação. Estes objetos que, por um lado, mediatizam os sujeitos, devem ser ensinados pelos educadores e educadoras, e, por outro, devem ser aprendidos pelos educandos e educandas (FREIRE, 2021, p. 202).

bell hooks, uma pensadora feminista e educadora, traz uma perspectiva valiosa sobre a educação. Ela destaca a importância do amor como elemento central na prática educacional. Em suas obras, como "Ensinando para Transgredir"(2017), hooks argumenta que a educação eficaz não pode ser separada do cuidado e do compromisso com os alunos.

Para hooks, a educação é uma prática de amor que envolve a criação de um ambiente de aprendizagem onde os alunos se sintam valorizados, respeitados e encorajados a expressar suas vozes e experiências. Ela argumenta que, quando os professores incorporam o amor em sua pedagogia, eles capacitam os alunos a se tornarem indivíduos críticos, questionadores e conscientes de si mesmos e do mundo ao seu redor. O amor na educação, segundo hooks, é uma força poderosa que pode romper as barreiras que mantêm as pessoas oprimidas e desfavorecidas.

Ambos enfatizam a importância da conscientização e da crítica como ferramentas para a emancipação. Ambos também valorizam o diálogo como um elemento essencial na educação, acreditando que ele permite que os alunos expressem suas vozes e experiências.

Numa época de transição política, uma das maiores experiências que temos que fazer é ver como superar, e esta superação não se faz somente através de discursos. Temos que ter uma prática contrária à tradição autoritária e exercer uma reflexão crítica sobre a prática, para entender exatamente os nossos desvios (FREIRE, 2021, p. 206).

Além disso, tanto Freire quanto hooks enfatizam o papel fundamental dos educadores como agentes de mudança. Eles argumentam que os professores têm a responsabilidade de criar ambientes de aprendizagem que estimulem o pensamento crítico e a reflexão, ao mesmo tempo em que cuidam dos alunos de maneira compassiva e empática.

O educador [...] ao ensinar, ele re-aprende ou re-conhece o que já sabia. Assim, sua tarefa de ensinar é uma tarefa que, ao mesmo tempo que ensina, re-corda, re-aprende, re-conhece e possibilita o conhecer dos alunos e alunas. Portanto, enquanto os alunos procuram conhecer, os educadores estão re-conhecendo o objeto que ensinam (FREIRE, 2021, p. 202-203).

Ambos os pensadores nos lembram que a educação deve ser centrada no aluno, capacitando-os a se tornarem agentes ativos de mudança em suas vidas e em suas

comunidades. Ao abraçar essas perspectivas, podemos reconhecer o poder transformador da educação e trabalhar para construir um mundo mais justo, igualitário e compassivo.

A educação é política e pode ser democrática, assim como elitista e autoritária. Por esta razão, não é neutra, depende da opção. Por um lado, da opção política da educadora, depende da coerência que a educadora ou o educador tenha com relação à sua opção. Mas é preciso admitir que a prática autoritária é muito comum, sobretudo quando passamos para a etapa de transição política que está cheia de incoerências, porque depois de quarenta anos de experiência ditatorial não é fácil, para nós, alcançar um equilíbrio que supere o medo de falar, o medo de criticar. Não é fácil superar o gosto de mandar - quando alguém tem um centímetro de poder sente-se igual um general (FREIRE, 2021, p. 205-206).

### 2.3 O que é Educação Popular?

A educação popular, conforme concebida por Paulo Freire, é uma abordagem pedagógica profundamente enraizada na conscientização, na participação ativa e na transformação social. Em seu livro "Pedagogia do Compromisso", Freire expande suas ideias revolucionárias sobre a educação popular.

De um modo mais radical, a Educação Popular significa, para mim, caminhos, isto é, o caminho no campo do conhecimento e o caminho no campo político, através dos quais amanhã - e aí vem a utopia - as classes populares encontrem o poder (FREIRE, 2021, p. 208).

A pedagogia de Paulo Freire, como dito anteriormente, é construída sobre a ideia central da conscientização. Essa conscientização envolve a análise crítica da realidade social e material, política e econômica que envolve os indivíduos. É um processo pelo qual as pessoas se tornam conscientes das estruturas de poder e opressão que as cercam, capacitando-as a agir como agentes de mudança em suas próprias vidas e na sociedade em geral.

Na universidade pública brasileira, a conscientização se torna uma ferramenta fundamental para enfrentar os desafios da desigualdade de acesso e das estruturas de poder institucionais. A aplicação da educação popular implica em criar um ambiente de aprendizado que incentive os estudantes e a comunidade acadêmica a questionar, refletir e agir em relação às injustiças e desigualdades presentes no contexto universitário e na sociedade em geral.

[...] eu também descubro que gostaria que a prática da Educação Popular desse alguma contribuição para a transformação radical da sociedade para que, de verdade, os grupos populares ganhem presença política, ingerência política, comando, no novo poder que deveríamos criar (FREIRE, 2021, p. 208).

Ele também enfatiza a importância do diálogo autêntico, o diálogo que não é apenas um meio de transmitir informações, mas uma via de mão dupla na qual o conhecimento é construído coletivamente.

Na universidade pública brasileira, o diálogo se torna uma ferramenta poderosa para criar um ambiente de aprendizado colaborativo e engajado. Os professores podem adotar abordagens que estimulem a participação ativa dos estudantes, incentivando-os a trazer suas

experiências e perspectivas para a sala de aula. Isso não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também fortalece a capacidade dos estudantes de se tornarem cidadãos críticos e comprometidos com a transformação da sociedade.

Para Freire, a universidade pública deve ser um espaço de transformação social, onde o conhecimento não é um fim em si mesmo, mas uma ferramenta para a emancipação. Isso implica em desafiar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade no acesso à educação e no ambiente acadêmico. A educação popular na universidade pública brasileira exige um compromisso em abrir as portas da academia para aqueles historicamente excluídos.

Precisamente porque eu penso assim, quando falo em Educação Popular, é que tento que esta Educação Popular esteja, primeiro, a serviço dos grupos populares ou dos interesses dos grupos populares, sem que isso signifique a negação dos direitos dos grupos das elites. Não estou dizendo que devemos matar as crianças ricas, nem negar-lhes educação. Não, não é isso. Mas o grande objetivo da Educação Popular está exatamente em atender os interesses das classes populares que há quinhentos anos estão sendo negados (FREIRE, 2021, p. 207-208).

A educação popular na universidade pública brasileira também deve ser sensível à realidade social e às demandas das comunidades circundantes. A universidade pública, nessa perspectiva, pode se tornar um agente de mudança social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A educação popular pode ser um caminho para a construção de uma universidade pública brasileira mais inclusiva, igualitária e comprometida com a justiça social. Podemos pensar em avançar em direção a uma educação que não apenas informa, mas também transforma, capacitando os indivíduos a serem agentes ativos na construção de um futuro melhor para todos.

## **2.4 Educação Democrática**

“A educação democrática se baseia no pressuposto de que a democracia funciona, de que é a base de todo ensino e toda aprendizagem genuínos” (HOOKS, 2020, p. 45). bell hooks oferece uma perspectiva profundamente humanista e igualitária sobre a educação democrática em suas obras. hooks argumenta que a educação deve ser um espaço de diálogo, respeito e participação ativa, onde todos os envolvidos - educadores e estudantes - são valorizados.

Para bell hooks, a educação democrática começa com o diálogo. Ela enfatiza a importância de criar um ambiente de aprendizado onde o diálogo autêntico e respeitoso seja incentivado. Isso significa que os educadores devem estar dispostos a ouvir e a considerar as perspectivas e experiências dos estudantes, reconhecendo que o conhecimento não é uma via de mão única, mas uma construção coletiva.

A participação ativa também é um elemento-chave da educação democrática. Hooks argumenta que os estudantes devem ser incentivados a se envolverem ativamente no processo de aprendizado, a fazer perguntas, a desafiar ideias preconcebidas e a buscar soluções para

problemas reais. Isso não apenas enriquece a experiência educacional, mas também capacita os estudantes a se tornarem cidadãos críticos e engajados.

A educação democrática, conforme definida por bell hooks, é fundamentada no respeito mútuo e na igualdade. Ela insiste que todos os envolvidos no processo educacional devem ser tratados com dignidade e consideração. Isso significa que educadores devem estar conscientes de seu poder e privilégio, evitando qualquer forma de opressão, discriminação ou marginalização.

Além disso, a igualdade é um princípio fundamental. Hooks argumenta que a educação democrática não pode ser eficaz se houver desigualdade de oportunidades ou acesso ao conhecimento. Isso requer um compromisso sério em superar barreiras sociais, econômicas e culturais que possam impedir o acesso igualitário à educação.

Professores dotados de visão democrática sobre a educação assumem que esse aprendizado nunca está confinado apenas à sala de aula institucionalizada. Em vez de incorporar a falsa concepção de que a universidade não é o 'mundo real' e ensinar de acordo com isso, o educador democrático liberta-se da falsa ideia da universidade corporativa como ambiente à parte da vida real e procura repensar o ensino como elemento permanente da experiência de mundo e da vida real. Quando incorporamos o conceito de educação democrática, passamos a enxergar ensino e aprendizagem como constantes. Compartilhamos o conhecimento obtido em salas de aula para além daquele espaço, trabalhando, portanto, para desafiar a concepção de que certas formas de saber são sempre e somente acessíveis à elite (hooks, 2021, p. 87).

Um aspecto distintivo da abordagem de bell hooks à educação democrática é a ênfase na criação de comunidades de aprendizagem. Ela argumenta que a aprendizagem é um processo social e que os estudantes se beneficiam ao fazer parte de comunidades educacionais onde o respeito, o diálogo e a colaboração são valorizados.

Nessas comunidades de aprendizagem, os estudantes não apenas interagem entre si, mas também com os educadores. Hooks destaca a importância de construir relações de confiança entre educadores e estudantes, onde ambos são vistos como parceiros no processo de aprendizado. Isso cria um ambiente em que todos têm espaço para crescer, questionar e se desenvolver como indivíduos e como membros de uma comunidade maior.

Ela coloca a dignidade, o respeito e a igualdade no centro do processo educacional e nos lembra que a educação não é apenas sobre a transmissão de conhecimento, mas também sobre a construção de relações, a promoção do respeito mútuo e a capacitação de indivíduos para fazerem a diferença em suas comunidades e no mundo. É uma visão que nos desafia a repensar o propósito da educação e a transformá-la em um espaço de liberdade, igualdade e justiça para todos.

Educadores que se desafiam a ensinar para além do ambiente de sala de aula, a se deslocar pelo mundo compartilhando conhecimento, aprendem diversas maneiras de transmitir informação. Essa é uma das habilidades mais valiosas que qualquer professor pode adquirir. Pela prática vigilante, aprendemos a usar a linguagem capaz de dialogar com o cerne da questão, independentemente do ambiente de ensino em que nos encontremos. Quando professores universitários que são educadores democráticos compartilham conhecimento fora da sala de aula, nosso trabalho afasta a noção de que acadêmicos não têm contato com o mundo externo aos sagrados

salões da academia. É nossa tarefa abrir o espaço de aprendizagem para que ele possa ser mais inclusivo, além de sempre nos desafiar a fortalecer nossas habilidades de ensino, Essas práticas progressistas são vitais para manter a educação democrática, tanto na sala de aula quanto fora dela (hooks, 2021, p. 89-90).

### **3 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

A extensão universitária desempenha um papel fundamental no contexto educacional brasileiro, proporcionando uma ligação vital entre a academia e a sociedade. Este capítulo tem como objetivo explorar a importância da extensão universitária no Brasil, analisando suas raízes históricas e seu papel atual na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e participativa.

Hoje, a extensão universitária no Brasil está intrinsecamente ligada aos princípios de responsabilidade social das instituições de ensino superior. Ela se estende muito além das fronteiras do campus, alcançando comunidades locais e regionais. Os programas de extensão abordam questões prementes da sociedade brasileira, como por exemplo a educação de qualidade, a saúde pública e a promoção da diversidade cultural.

Além disso, a extensão universitária desempenha um papel fundamental na formação dos estudantes, oferecendo oportunidades práticas para aplicar o conhecimento adquirido em sala de aula em contextos do mundo real. Isso não apenas enriquece a experiência educacional, mas também prepara os estudantes para se tornarem cidadãos engajados e conscientes de suas responsabilidades sociais.

Apesar dos avanços significativos, a extensão universitária no Brasil ainda enfrenta desafios consideráveis. A falta de financiamento adequado e a necessidade de uma maior integração entre ensino, pesquisa e extensão são questões que requerem atenção contínua.

No entanto, à medida que o país enfrenta desafios sociais complexos, a extensão universitária permanece como uma ferramenta poderosa para enfrentar essas questões. Ela representa a capacidade das universidades de se comprometerem com a sociedade, de promover uma forma de justiça social e de contribuir para a construção de um Brasil mais inclusivo e democrático.

#### **3.1 Raízes históricas da extensão no Brasil**

A extensão universitária é uma prática educacional que tem raízes históricas no Brasil, remontando ao início do século XX. Essa abordagem pedagógica visa estender o conhecimento gerado nas universidades para a sociedade em geral, promovendo o engajamento cívico, a conscientização social e a melhoria das condições de vida da população. Para compreendermos adequadamente as raízes históricas da extensão universitária no Brasil, é fundamental explorar o contexto em que essa prática se desenvolveu e as influências que a moldaram ao longo do tempo.

No início do século XX, o Brasil passava por um período de transformações sociais, políticas e econômicas significativas. A industrialização estava em ascensão, a imigração era uma realidade crescente e as cidades cresciam rapidamente. Nesse cenário, a necessidade de formação profissional e técnica se tornou evidente. Foi nesse contexto que as primeiras universidades brasileiras foram fundadas, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Essas instituições tinham como objetivo inicial a formação de profissionais e a pesquisa acadêmica, mas também reconheciam a importância de contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que estavam inseridas.

Foi durante o regime militar (1964-1985) que a extensão universitária no Brasil ganhou maior destaque e se consolidou como uma prática institucionalizada. Esse período foi marcado por movimentos estudantis e sociais que buscavam uma maior participação das universidades na transformação da sociedade. Os programas de extensão passaram a abordar questões sociais relevantes, como educação popular, saúde, habitação, cultura e direitos humanos. Em 1968 houve uma reforma (Lei 5.540/68) que estabeleceu que “as universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços sociais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes (Artigo 20).”

Nesse contexto, a extensão universitária desempenhou um papel fundamental na conscientização política e na promoção da cidadania ativa. Muitos programas de extensão eram desenvolvidos em parceria com movimentos sociais, sindicatos e comunidades, contribuindo para o fortalecimento da sociedade civil. “A transformação da Extensão Universitária num instrumento de mudança social e da própria universidade, tem caminhado junto com a conquista de outros direitos e de defesa da democracia” (GADOTTI, 2017, p. 2).

Hoje, a extensão universitária no Brasil aborda uma ampla gama de questões sociais, por exemplo, a promoção da diversidade cultural. Os programas de extensão não apenas beneficiam as comunidades locais, mas também enriquecem a experiência educacional dos estudantes, oferecendo oportunidades práticas para aplicar o conhecimento adquirido em sala de aula em contextos do mundo real. “‘Mão dupla’, significa troca de saberes acadêmico e popular que tem por consequência não só a democratização do conhecimento acadêmico, mas, igualmente, uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade” (GADOTTI, 2017, p. 2).

À medida que o país enfrenta desafios sociais, econômicos e ambientais, a extensão universitária continua a desempenhar um papel vital na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e participativa.

### **3.2 O que é Extensão Universitária?**

A extensão universitária é uma prática educacional que transcende as fronteiras tradicionais da academia, levando o conhecimento acadêmico para a comunidade e estabelecendo uma relação simbiótica entre a universidade e a sociedade. É uma atividade que visa aplicar o conhecimento e as habilidades desenvolvidas na universidade para enfrentar desafios do mundo real e atender às necessidades da comunidade. Envolve cursos, projetos, programas, serviços e ações que engajam estudantes, professores e pesquisadores universitários em interação com a sociedade.

O caráter comunitário da extensão resulta da sua identidade e missão, alicerçadas no compromisso com a justiça social. Daí essas atividades vincularem-se prioritariamente às necessidades regionais com ênfase em projetos direcionados para os segmentos mais excluídos (GADOTTI, 2017, p. 10)

A extensão universitária vai além da simples transmissão de informações. Ela é fundamentada em um compromisso social sólido, com a promoção do bem-estar da comunidade e a busca do bem comum. Envolve diálogo contínuo e colaboração com a comunidade, respeitando suas perspectivas e necessidades. Nesse processo, tanto a universidade quanto a comunidade aprendem e se beneficiam mutuamente. “A Extensão realiza, por excelência, o **sentido da universidade**, já que tem uma função integradora e articuladora da vida universitária como um todo” (GADOTTI, 2017, p. 4).

Moacir Gadotti, notável educador brasileiro, em seu artigo "Extensão universitária: Para quê?", argumenta que a extensão deve ser vista como um instrumento de transformação social e promoção da cidadania ativa. Gadotti enfatiza que a extensão universitária não deve ser um mero apêndice das atividades acadêmicas, mas sim uma prática intrinsecamente ligada à missão da universidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Uma característica fundamental da extensão universitária é sua integração com o ensino e a pesquisa. Ela não existe em isolamento, mas complementa e fortalece a missão da universidade. Isso significa que os estudantes são ativamente envolvidos em projetos e atividades de extensão, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades práticas e o diálogo com a comunidade.

Além disso, a extensão universitária promove a aplicação da pesquisa acadêmica para resolver problemas práticos e beneficiar a sociedade. Ela representa a visão de que o conhecimento acadêmico não deve ser confinado ao ambiente da universidade, mas deve ser compartilhado, aplicado e enriquecido por meio do engajamento com a comunidade. A extensão universitária desempenha um papel vital na promoção do aprendizado contínuo, na colaboração cívica e na transformação social.

### **3.3 Tripé da universidade - Ensino, Pesquisa e Extensão**

O modelo do "tripé universitário" é uma abordagem fundamental que permeia a essência da missão das universidades em todo o mundo. Compreendendo três pilares interligados - ensino, pesquisa e extensão - esse conceito representa a multifacetada contribuição das instituições de ensino superior para a sociedade.

O ensino é o pilar central do tripé universitário. Ele representa o desenvolvimento de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades para os estudantes. Mas, o ensino universitário não se limita apenas à disseminação de informações, ele envolve a criação de ambientes de aprendizado que incentivam a pesquisa crítica e o pensamento independente. Os estudantes têm a oportunidade de explorar novos campos de estudo, aprofundar seu conhecimento em áreas específicas e adquirir habilidades práticas que os prepararão para suas carreiras e para a vida.

A pesquisa é o segundo pilar do tripé universitário. Ela impulsiona a descoberta de novos conhecimentos, a inovação e o avanço da sociedade. As universidades desempenham um papel fundamental na pesquisa, abrindo caminho para a investigação de questões

complexas e oferecendo um ambiente propício para a criatividade e o desenvolvimento de soluções.

A pesquisa universitária contribui para o progresso em uma ampla variedade de campos, desde a medicina até a tecnologia, das ciências sociais às humanidades. Além disso, a pesquisa é muitas vezes interdisciplinar, estimulando a colaboração entre diferentes áreas de conhecimento.

O terceiro pilar do tripé universitário é a extensão. Este componente destaca a responsabilidade social das universidades de compartilhar seu conhecimento e recursos com a comunidade em que estão inseridas. A extensão universitária envolve programas, projetos e atividades que buscam aplicar o conhecimento acadêmico para resolver problemas reais e atender às necessidades da sociedade.

Por meio da extensão, as universidades promovem o engajamento cívico, capacitando os cidadãos a compreender e participar ativamente das questões sociais e políticas. Ela também contribui para o desenvolvimento das comunidades, abordando desafios locais, como educação, saúde, moradia e emprego.

O tripé universitário representa a síntese das principais funções das universidades na sociedade. O ensino fornece a base educacional necessária para os estudantes, a pesquisa alimenta a busca por conhecimento avançado e a extensão conecta a universidade à comunidade, transformando o conhecimento em ação.

É importante destacar que os três pilares não funcionam de forma isolada, mas estão intrinsecamente interligados. A pesquisa enriquece o ensino, fornecendo conhecimento atualizado e promovendo a curiosidade dos estudantes. A extensão conecta a pesquisa e o ensino à sociedade, garantindo que o conhecimento seja aplicado de maneira prática e benéfica.

O tripé universitário é uma representação do propósito das universidades, que buscam não apenas formar indivíduos bem-educados, mas também contribuir para o avanço do conhecimento e o bem-estar da sociedade. Esse modelo continua a ser a referência da educação superior em todo o mundo, moldando a maneira como as instituições de ensino superior impactam e enriquecem as comunidades em que estão inseridas.

### **3.4 Extensão universitária: Para quê?**

Moacir Gadotti aborda a extensão universitária como um meio para a promoção de uma educação integral e transformadora. Ele enfatiza que a extensão não deve ser vista como um apêndice das atividades acadêmicas, mas como parte intrínseca da missão da universidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A extensão também desempenha um papel fundamental na democratização do acesso à educação de qualidade. Gadotti destaca que a extensão pode atuar como uma ponte entre a universidade e a comunidade externa, proporcionando educação e serviços que muitas vezes não estão disponíveis de outra forma. Isso ajuda a reduzir as disparidades educacionais e a promover a inclusão social.

A visão de Gadotti sobre a extensão universitária enfatiza sua capacidade de promover a conscientização social e a participação ativa dos estudantes. Ele argumenta que a

extensão é uma forma de aprendizado que vai além da mera acumulação de informações, incentivando a reflexão crítica e a ação transformadora. Os estudantes que participam de programas de extensão têm a oportunidade de se envolver em questões sociais e políticas, compreendendo o poder que têm para criar mudanças positivas.

Moacir Gadotti enfatiza a importância da extensão universitária como um componente vital da missão das universidades. Ela desempenha um papel fundamental na promoção do engajamento cívico, na democratização da educação e na pesquisa aplicada. A visão de Gadotti enfatiza a capacidade da extensão de transformar não apenas a educação, mas também a sociedade como um todo, ao capacitar os estudantes a se tornarem agentes de mudança conscientes e ativos em suas comunidades. Portanto, a extensão universitária não é apenas uma opção desejável, mas uma necessidade essencial em busca de uma educação mais significativa.

## **4 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PERSPECTIVA PARA UMA EDUCAÇÃO POPULAR**

“Em muitos casos, a Extensão Universitária foi assumida como prestação de serviços de caráter assistencial ou mercantil” (GADOTTI, 2017, p. 3). A extensão universitária, como prática que visa o diálogo entre a academia e a comunidade deve ser a forma como a extensão deve ser pensada, pois se encarada como prestação de serviços ou se vista de forma assistencial ela perde seu propósito e deixa de ser essencial para a construção de uma universidade popular.

A extensão universitária tem contribuído para aproximar a universidade das necessidades da comunidade e como essa prática pode desempenhar um papel crucial na democratização do acesso ao ensino superior.

No entanto, também é crucial destacar que a extensão, por si só, não pode ser vista como única opção para a popularização da universidade. Ela desempenha um papel importante, mas a construção de uma universidade verdadeiramente popular requer uma abordagem mais abrangente, que leve em consideração uma série de fatores complexos.

Além disso existem limitações e desafios da extensão como único mecanismo de popularização da universidade, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais ampla que inclua políticas educacionais inclusivas, ações afirmativas, ampliação do acesso e revisão das estruturas acadêmicas.

A extensão universitária desempenha um papel relevante no processo de popularização da educação, mas é fundamental reconhecer que seu sucesso depende de um esforço conjunto que envolve não apenas as universidades, mas também governos, sociedade civil e toda a comunidade acadêmica.

### **4.1 A relação da extensão com a educação na universidade**

A relação entre a extensão universitária e a ideia de educação popular é profunda e reflete a interseção entre a academia e a sociedade.

Para ser popular a universidade precisa deixar de ser elitista e autoritária. Para ser popular ela precisa deixar de excluir os ‘filhos do povo’ como dizia Paulo Freire. Mas não basta que os filhos do povo tenham acesso ao ensino superior. É preciso que eles tenham as condições de aí permanecer. Porque podem ser incluídos na entrada e excluídos na saída quando não tem condições de permanecer nela (GADOTTI, 2017, p. 8).

A extensão universitária é concebida como um instrumento de aproximação entre a academia e a comunidade, buscando disseminar o conhecimento gerado nas universidades e atender às necessidades reais das populações. Nesse contexto, a educação popular, que busca instrumentalizar as pessoas com conscientização e participação ativa, encontra na extensão uma possibilidade de ser. “A Extensão Universitária na perspectiva da Educação Popular

precisa começar pela descolonização das mentes no interior das próprias universidades” (GADOTTI, 2017, p. 12).

A extensão universitária permite que o conhecimento produzido nas universidades seja compartilhado e aplicado em contextos reais, promovendo a democratização do acesso à educação e o engajamento cívico. Ela oferece oportunidades para que estudantes e professores estejam em contato direto com as demandas e os desafios da comunidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e comprometidos.

A extensão quando mal concebida ou executada, pode incorrer em práticas assistencialistas, reforçando relações de desigualdade e perpetuando a dependência. É fundamental evitar esse tipo de abordagem, na qual a universidade assume um papel de "doador de conhecimento" para uma comunidade passiva.

Além disso, a extensão não pode ser o único meio para alcançar a educação popular. Ela é uma parte importante do processo, mas a transformação social requer uma abordagem mais ampla. Políticas públicas inclusivas, investimentos em educação básica de qualidade, programas de capacitação e conscientização, bem como a promoção de espaços de diálogo e participação cidadã são igualmente necessários.

Democratizar o ensino não significa apenas expandir a rede de escolas, mantendo os padrões elitistas e o privilégio social. O ensino precisa ser democrático na sua estrutura, na mentalidade dominante, nas relações pedagógicas e nos produtos dos processos educacionais (FERNANDES, 1960, p. 163).

Uma análise crítica da extensão universitária é fundamental para garantir que ela contribua efetivamente para a implementação da educação popular. Isso envolve a reflexão constante sobre os objetivos, métodos e impactos das ações de extensão. As universidades devem questionar se suas práticas estão verdadeiramente capacitando as comunidades ou apenas perpetuando relações de dependência.

Além disso, é crucial que a extensão seja realizada em estreita colaboração com as comunidades, respeitando suas perspectivas e necessidades. O diálogo genuíno e a parceria igualitária são essenciais para evitar a imposição de soluções externas e garantir que as ações de extensão sejam relevantes e eficazes.

A busca pela educação popular requer uma abordagem multidimensional que envolve não apenas a extensão, mas também políticas públicas inclusivas, investimentos em educação básica, capacitação e conscientização. Somente por meio de uma abordagem abrangente e crítica podemos aspirar a uma educação verdadeiramente popular, que capacita as pessoas a participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Uma universidade é popular, segundo Paulo Freire, por aquilo que ela diz e por aquilo que ela faz em relação ao poder. Uma universidade é popular pelo seu projeto de universidade, pelos seus currículos, pelos seus conteúdos, pelas formas e métodos de trabalhá-los, pelas suas escolhas (GADOTTI, 2017, p. 7).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A saída que eu vejo é caminhar com o povo à esquerda, caminhar mais com os movimentos sociais, por meio de uma educação cidadã crítica. Resistir e lutar é preciso” (GADOTTI, 2017, p. 15). Ao longo desta monografia, exploramos a relação entre a educação popular e a extensão universitária, reconhecendo a influência e o impacto que esses conceitos exercem na academia e na sociedade. Em nosso estudo, destacamos as contribuições significativas da extensão universitária como meio de aproximar a universidade das demandas da comunidade e como ferramenta para democratizar o acesso ao conhecimento.

Diante desse **retrocesso mental e civilizatório** que vivemos, precisamos cada vez mais de debates políticos na universidade. A universidade precisa urgentemente ser protagonista e não ter medo de se expor, de enfrentar as ameaças à democracia. Ao retrocesso devemos responder com a radicalização da democracia (GADOTTI, 2017, p. 15).

No entanto, esta análise também apontou para limitações e desafios que a extensão universitária enfrenta quando não é abordada de maneira crítica. Reconhecemos que a extensão não pode ser tratada como uma prática assistencialista ou como o único meio para atingir a educação popular. A sua eficácia depende de uma abordagem cuidadosa, que envolva o diálogo genuíno com as comunidades, o respeito às suas perspectivas e necessidades e a busca por parcerias igualitárias.

Além disso, entendemos que a busca pela educação popular não pode ser alcançada exclusivamente por meio da extensão universitária. É um objetivo que requer uma abordagem multidimensional, que inclui políticas públicas inclusivas, investimentos em educação básica de qualidade, programas de capacitação e conscientização, bem como a promoção de espaços de diálogo e participação cidadã.

Portanto, a síntese dessas reflexões aponta para a necessidade de uma abordagem integrada e crítica da extensão universitária como parte do caminho em direção à educação popular. É uma jornada que envolve não apenas a academia, mas também governos, sociedade civil e toda a comunidade acadêmica. A transformação social e a democratização do acesso à educação são objetivos nobres que exigem um compromisso contínuo e colaborativo.

Nosso grande desafio político pedagógico é conseguir ultrapassar essa onda conservadora e recriar a esperança num projeto de sociedade justa e solidária, mobilizando sobretudo a juventude e utilizando ao máximo o poder mobilizador das redes sociais (GADOTTI, 2017, p. 15).

Em última análise, este estudo nos leva a reconhecer a importância da educação como um instrumento poderoso de transformação. A busca pela educação popular, quando sustentada por uma abordagem crítica e inclusiva, tem o potencial de levar o povo a mudar as estruturas de opressão. Ela nos desafia a pensar além das fronteiras tradicionais da academia e a reconhecer o papel vital que a educação desempenha na construção de uma nova realidade material.

De um modo mais radical, a Educação Popular significa, para mim, caminhos, isto é, o caminho no campo do conhecimento e o caminho no campo político, através dos quais amanhã - e aí vem a utopia - as classes populares encontrem o poder (FREIRE, 2021, p. 208).

## REFERÊNCIAS

ALTOS índices de desistência na graduação revelam fragilidade do ensino médio, avalia ministro. **Portal MEC**, Brasília, 19 set. 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 07 dez. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

EDUCAÇÃO superior no Brasil é historicamente limitada e necessita de políticas públicas de acesso. **Jornal da USP no Ar**, São Paulo, 30 ago. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/formacao-na-educacao-superior-nao-pode-prescindir-de-politica-de-ciencia-tecnologia-e-inovacao/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20mesmo,das%20classes%20A%20e%20B>. Acesso em: 07 dez. 2023.

FERNANDES, Florestan. **A democratização do ensino**. São Paulo: Pioneira, 1960.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: Para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o\\_Universit%C3%A1ria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf). Acesso em: 07 dez. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando comunidade: Uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

NITAHARA, Akemi. Acesso a nível superior no Brasil é abaixo dos padrões internacionais. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/aceso-nivel-superior-no-brasil-e-muito-abaixo-dos-padroes-internacionais>. Acesso em: 07 dez. 2023.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil: Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ROMÃO, José Eustáquio; LOSS, Adriana Salette. **A universidade popular no Brasil**. Brasília: Liber, 2013.